Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

Letras n. 74

Letras, v. 35, n. 74, e93836, 2026 - DOI:10.5902/2176148593836 - ISSN 2176-1485
Submissão: 25/09/2025 Aprovação: 08/09/2026 Publicação: 04/11/2026

Entrevista

Perspectivas críticas para os estudos dos Quadrinhos

Entrevista com Paulo Santos: criação e revolução em Mundurucu na Confederação do Equador

Interview with Paulo Santos: the art and rebellion of Mundurucu na Confederação do Equador

Luiz Eduardo da Silva Andrade[I*]

Resumo: A entrevista com o escritor e jornalista Paulo Santos buscou compreender seu processo de produção da história em quadrinhos de Emiliano Felipe Benício, ativista negro pernambucano do século 19, que é uma daquelas personagens da história do Brasil sobre quem restou pouca documentação da vida e da trajetória política. A *graphic novel* **Mundurucu na Confederação do Equador**, escrita por Paulo Santos, com ilustrações de Libório Melo e Luciano Félix, retrata o pioneirismo das ações de Emiliano Mundurucu contra a dominação colonial no Brasil e posteriormente sua participação contra a segregação racial nos Estados Unidos. Em 158 páginas, a narrativa mostra a trajetória desse brasileiro que influenciou vários ativistas afro-americanos contemporâneos, tendo em vista Mundurucu ser o autor do processo judicial mais antigo contra o racismo nos EUA, com registro em jornais da época.

Palavras-chave: Emiliano Mundurucu; Quadrinhos; Pernambuco; História do Brasil

Abstract: The interview with writer and journalist Paulo Santos aimed to understand his creative process for the comic book about Emiliano Felipe Benício, a 19th-century Black activist from Pernambuco, Brazil. He is one of those figures in Brazilian history about whom little documentation of his life and political trajectory remains. The *graphic novel*, **Mundurucu na Confederação do Equador** (Mundurucu in the Confederation of the Equator), written by Paulo Santos with illustrations by Libório Melo and Luciano Félix, portrays Emiliano Mundurucu's pioneering actions against colonial domination in Brazil, and his participation in the fight against racial segregation in the United States. Spanning 158 pages, the narrative traces the trajectory of this Brazilian, who influenced several contemporary African-American activists, highlighting the fact that Mundurucu initiated the earliest recorded lawsuit against racism in the U.S., with records appearing in newspapers of the time.

Keywords: Emiliano Mundurucu; Comics; Pernambuco; Brazilian History

ENTREVISTADO

Paulo Santos é jornalista, escritor, cartunista e quadrinista. É autor do romance **A Noiva da Revolução**, sobre o movimento libertário e democrático ocorrido no Nordeste, em 1817, no qual se baseou o documentário 1817, "A Revolução Esquecida, dirigido por Tizuka Yamazaki, vencedor do prêmio TAL (Televisión América Latina) de 2018. Escreveu também **O General das Massas**, sobre a vida de Abreu e Lima, premiado pela Academia Pernambucana

[I] Universidade Federal do Alagoas, Maceió, AL, Brasil
[*] Autor correspondente – luiz.andrade@fale.ufal.br

Artigo publicado por Letras sob uma licença CC BY-NC 4.0.

de Letras, além de **1817: Amor e Revolução**, romance em quadrinhos publicado pela Cepe Editora, e a série infantojuvenil PernambuKids.

ENTREVISTADOR

Luiz Eduardo Andrade é professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, com mestrado pela Universidade Federal de Sergipe e doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre suas publicações, incluem-se **Comer com os olhos: comida cultura cinema** (Autêntica, 2024), **Vidas matáveis em Cornélio Penna** (Cepe, 2024) e **Na ponta do alfinete: o Brasil segundo Cornélio Penna** (Moinhos, 2024). Desenvolve pesquisas que se situam no campo da biopolítica e dos estudos da alimentação na literatura e no cinema, abarcando estudos de memória, imagens, discursos e dispositivos de controle. Integra os grupos de pesquisa Poéticas Interartes (Ufal) e SAL: sobre alimentos e literaturas (UFMG). Já participou de avaliação de materiais didáticos e livros literários no âmbito do PNLD.

Paulo, a história de Emiliano Mundurucu é pouco conhecida e merece divulgação, sobretudo 200 anos após os movimentos de independência que ele integrou. Como você descobriu essa figura histórica e o que te motivou a dedicar o tempo dessa pesquisa? Mas, sobretudo, por que uma HQ?

> Sempre me interessei por História de Pernambuco e descobri esse incrível personagem nas minhas pesquisas, nas horas vagas. Isso faz uns 30 anos, por aí. Foi ele, Mundurucu, que me motivou a trabalhar sobre o tema, para torná-lo conhecido. A opção por HQ se deu porque eu já fui cartunista e sou fã do gênero. A demora para publicação foi falta de recursos para a arte finalização da obra, após o layout feito por Libório.

Antes de irmos adiante, gostaria que registrasse como foi o processo de colaboração com o falecido quadrinista Libório Melo e, posteriormente, com Luciano Félix? Você que escreve Mundurucu com frames bastante precisos, como descreveria a transposição para identidade visual que eles criaram para a obra?

> Libório foi um gênio. Um dos maiores, para mim o maior entre os artistas gráficos brasileiros da sua geração. O layout, como já disse, foi dele, a partir dos esboços que eu lhe apresentei. E o Luciano finalizou, pondo sua marca, mas respeitando o trabalho do seu antecessor.

A leitura de Mundurucu se desenvolve como um percurso linear, cujo ciclo narrativo tem na ação política de personalidades importantes da história brasileira a mensagem mais evidente, como também mostra momentos da vida dessas personagens em que os afetos

se misturam, a exemplo da cena quando a mãe protege o escravizador e inadvertidamente acerta o próprio filho ou da conversa de despedida entre o protagonista e Frei Caneca. É um traço estético de seu livro cruzar o fortuito com o factual, sem perder a intensidade da mensagem. Afinal, como que o artista da palavra monta essa história?

> Não existem biografias de Mundurucu. Eu, pelo menos, não localizei nenhuma. Existem uns poucos registros das suas ações políticas, no Brasil e nos Estados Unidos. Então eu criei uma história de vida para ele. A conjuntura histórica e política é real, o resto é de minha lavra, para entreter o leitor, mas, também fazê-lo conhecer um pouco do mundo daquela época.

O quadrinho é um registro impresso que recria a intensidade da oralidade por meio da composição entre texto e imagem. Percebe-se em Mundurucu a busca por diferentes expressões de linguagem: falas e interjeições da língua de hoje parecem atualizar uma história de 200 anos, que é recuperada na memória pela riqueza intertextual pela quantidade de referências presente nas falas. Como você lidou com o trabalho polifônico de fazer claras citações a autores – como Ariano Suassuna, Antônio Vieira, Frei Caneca –, músicas, ditos e máximas populares em Pernambuco e no Nordeste? Qual o sentido de fazer esses registros no seu livro?

> Obrigado pela sua percepção tão fina do meu trabalho. Essa pergunta é um elogio. Essas citações foram pintando, à medida que eu fui criando a obra, para lhe dar mais sabores, como se fossem temperos acrescidos num prato que está sendo preparado, com muito cuidado.

Quanto à espacialidade nos quadrinhos, percebo um imaginário comum entre algumas HQs que registram e inscrevem no gênero diversas cidades do mundo, algumas delas até fictícias ou lendárias. Ao ler Mundurucu, e ciente dessa percepção, lembrei de um texto de Mário de Andrade, publicado 20 anos após a Semana de Arte Moderna, em que o autor avalia a novidade de São Paulo como propícia ao ápice do modernismo, em detrimento de cidades com "passado" como Rio, Recife e Salvador. No seu livro, o texto e a imagem, formam uma espécie de memória topográfica de cidades como Recife e Olinda, além de mostrar o trânsito do protagonista pelo Nordeste até chegar aos Estados Unidos. Como foi realizada essa "cartografia" do percurso de Emílio Mundurucu? Como a HQ colabora para a fixação desses espaços no imaginário dos leitores?

> Eu também sou autor de romances e outras obras que têm a História de Pernambuco como tema, e para isso fiz bastantes pesquisas sobre a iconografia local, em especial a paisagística. E, claro, levei essa expertise para o trabalho em **Mundurucu**.

Em alguns estados estamos recolocando o significado das lutas da independência, como a consolidação do 2 de Julho na Bahia e as comemorações da Confederação do Equador. Percebemos hoje que 200 anos nem sempre são o bastante para pacificar e fixar na sociedade os usos da liberdade e da democracia. Emiliano Mundurucu é apresentado como um homem negro que investe na sua causa de vida uma noção radical de liberdade. Como você concebe hoje esse personagem que era forçado ao apagamento, sendo que no livro você construiu a profundidade psicológica e as motivações de um personagem histórico sobre o qual se sabe relativamente pouco?

> A construção do perfil psicológico do **Mundurucu**, feita por mim, se deu a partir da leitura das suas ações e pretensões políticas. Indiscutivelmente, tratava-se de um sujeito corajoso, ousado, idealista e cabeça quente. As aventuras, o corre-corre, eu criei.

Tenho certeza de que durante as pesquisas você descobriu mais personagens e situações impensadas da história. Como que pedagogicamente você entende o valor dos quadrinhos, no sentido de popularizar personagens "esquecidos" ou "apagados" da história do Brasil e do Nordeste? Gostaria de sugerir personalidades que você considera merecedores de um tratamento semelhante?

> Quadrinhos, teatro, cinema, artes plásticas, música, literatura, todas as linguagens artísticas são úteis e bem-vindas para divulgar e popularizar a História de Pernambuco, que é riquíssima, mas popularmente desconhecida. Personagens interessantes são inúmeros, mas eu citaria um que daria um perfeito herói de HQ: Pedro Ivo, que, após a derrota da Revolução Praieira, em 1848, recusou-se a se entregar, refugiou-se na mata, como um novo Robin Hood, e por um bom tempo derrotou as tropas enviadas contra ele. Só foi capturado à traição. Castro Alves escreveu poemas em seu louvor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao jornalista **Jailson da Paz** por intermediar o contato com **Paulo Santos**, e ao escritor pela generosidade da entrevista.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luiz Eduardo. **Vidas matáveis em Cornélio Penna**. Recife: Cepe, 2024.

SANTOS, Josalba dos; ANDRADE, Luiz Eduardo (org.). **Na ponta do alfinete:** o Brasil segundo Cornélio Penna. São Paulo: Moinhos, 2024.

SANTOS, Paulo. **Mundurucu na Confederação do Equador.** Recife: Cepe, 2023.

SEDLMAYER, Sabrina; CLIMENT-ESPINO, Rafael; ANDRADE, Luiz Eduardo (org.). **Comer com os olhos**: comida, cultura e cinema. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

Sobre o autor:

Luiz Eduardo da Silva Andrade

Professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, com mestrado pela Universidade Federal de Sergipe e doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais.
https://orcid.org/0000-0002-6436-8758 • luiz.andrade@fale.ufal.br

Conflito de Interesse

O autor declara não haver conflito de interesses.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editores convidados

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro
Lielson Zeni
Valter do Carmo Moreira

Editor - chefe

Régis Augustus Bars Closel

Como citar este artigo

ANDRADE, L. E. da S. Entrevista com Paulo Santos: criação e revolução em Mundurucu na Confederação do Equador. **Letras**, v. 35, n. 74, e93836, 2026. DOI: 10.5902/2316882X93836. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/93836. Acesso em: XX/XX/XXXX